

AS NOTAÇÕES ETIMOLÓGICAS EM SOUSA DA SILVEIRA:  
UM ESTUDO DE CASO

THE NOTATIONS ETYMOLOGICAL IN SOUSA DA SILVEIRA:  
A CASE STUDY

José Bento Cardoso Vidal Neto

Universidade de São Paulo

netospvidal@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar a contribuição de Sousa da Silveira (1883-1967) para os estudos etimológicos no Brasil. A análise de sua obra *Lições de português*, de 1921, nos mostrou o uso de notações etimológicas até então não registradas em materiais nacionais congêneres. Tal fato nos instigou a investigar o caráter inovador de Silveira nesta área de estudos da linguagem. Desta forma, ao assumirmos como válido tal ineditismo, tornou-se necessário realizar um estudo em que se levantassem quais foram os autores e as obras que influenciaram o pensamento etimológico do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Sousa da Silveira. Notação etimológica. Historiografia linguística.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the contribution of Sousa da Silveira (1883-1967) to the etymological studies in Brazil. The analysis of his book *Lições de Português*, 1921, showed us the use of etymological notations hitherto unrecorded in national similar materials. This fact prompted us to investigate the innovative character of Silveira in this area of the language studies. Thus, realizing such originality, it became necessary to undertake a study to arise which were the authors and works that influenced the etymological thinking of the author.

KEYWORDS: Sousa da Silveira. Etymological notations. Linguistic Historiography

## 1. À guisa de introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a contribuição de Sousa da Silveira (1883-1967) para os estudos etimológicos no Brasil. A análise de sua obra *Lições de português*, de 1921, nos mostrou o uso de notações etimo-

lógicas até então não registradas em materiais nacionais congêneres. Tal fato nos instigou a investigar o caráter inovador de Silveira nesta área de estudos da linguagem. Desta forma, ao assumirmos como válido tal ineditismo, tornou-se necessário realizar um estudo em que se levantassem quais foram os autores e as obras que influenciaram o pensamento etimológico do autor.

O percurso de nossa pesquisa deu-se através do levantamento de informações em fontes primárias e também secundárias. Evidentemente, quanto à primeira fonte, utilizamos o livro *Lições de português*, já mencionado anteriormente. No que tange às fontes secundárias, nos valem dos estudos que Maximiano de Carvalho e Silva<sup>1</sup> realizou sobre o autor em sua tese de livre-docência, em 1981, depois transformada em formato de livro. (cf. SILVA, 1984). Também tivemos a oportunidade de manter correspondência eletrônica com o professor Maximiano, que nos forneceu informações complementares, além de materiais de difícil acesso, como algumas colunas sobre matéria linguística publicadas por Sousa da Silveira na *Revista de Cultura*, ao longo da década de 1930.

Finalmente, cabe destacar que este estudo está atrelado teórico-metodologicamente à Historiografia Linguística.

## 1. As *Lições* e sua importância para a etimologia brasileira

*Lições de português*, de Sousa da Silveira, é uma obra de caráter didático, inicialmente escrita para uso no 3º ano da escola normal secundarista, mas que a partir de sua publicação passou a ter grande acolhida pelo público. Foram nove edições que se estenderam de 1921 a 1983, considerando, neste intervalo, períodos em que a obra ficou esgotada e também a publicação por diferentes casas editoriais. A sétima edição, publicada em 1964, foi a última feita em vida pelo autor e constitui o texto definitivo da obra. As demais, de 1972 e 1983, são fac-símiles do texto fixado pelo autor, porém receberam prefácio de Maximiano de Carvalho Silva. A respeito do contexto de publicação das *Lições*, é importante destacar o que nos diz Silva:

---

<sup>1</sup> Maximiano de Carvalho e Silva é Professor Titular de Filologia (Crítica Textual) da Universidade Federal Fluminense – Membro da Academia Brasileira de Filologia.

Fez-se a primeira publicação das mesmas [das *Lições*] em artigos da *Revista de Língua Portuguesa*, dirigida por Laudelino Freire, de maio de 1921 a janeiro de 1923. Concluída a série de artigos, o editor da *Revista* lançou o livro, aproveitando a mesma composição tipográfica, e inclusive conservando na folha de rosto a data de 1921, embora só tivesse saído em 1923, como esclarece o prefácio (SILVA, 1984, p.45).

No que tange a qualidade do autor e da obra, Silva assim se manifesta:

As *Lições de português* constituem o livro de Sousa da Silveira que melhor representa a extensão e a profundidade dos conhecimentos do autor, abrangendo estudos de Linguística Diacrônica (como os excelentes resumos da história externa, a focalização dos principais fatos da história interna, e a *etimologia das diversas espécies de palavras da língua portuguesa*), de Linguística Sincrônica (como a sintaxe das diferentes classes de palavras), de Estilística, de Dialectologia, de Filologia (como os comentários aos textos arcaicos nelas transcritos) (SILVA, 1984, p.4).

Como já apontamos, o que inicialmente nos chamou a atenção na referida obra foi a notação etimológica utilizada pelo autor na primeira edição, ou seja, em 1921. O uso de tal notação pode ser considerado moderno para os padrões da época, não encontrando registros equivalentes em obras nacionais congêneres.

Para os limites deste trabalho, nos ateremos a estudar o uso de três tipos de notação - \*, > e < -, pois representam exatamente o ineditismo e a modernidade acima referidos.

### **1.1. Notação etimológica em Sousa da Silveira (1921) e Eduardo Carlos Pereira (1916)**

Silveira (1983 [1921], p.15, grifos do autor)<sup>2</sup>, sob o título “Explicações de alguns sinais usados neste livro”, diz:

“ > quer dizer *origina, torna-se, donde.*

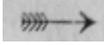
< quer dizer *provém de, provido de.*

\* indica uma forma não documentada”

---

<sup>2</sup> Usamos a 9ª edição, de 1983, mas a cotejamos com a primeira, de 1921, e não há diferenças entre elas quanto às notações em análise.

Comparativamente, Eduardo Carlos Pereira, gramático de prestígio no início do século XX<sup>3</sup>, em sua *Grammatica histórica*<sup>4</sup>, publicada em 1916, adota as seguintes notações etimológicas:

1. A flexa (sic) indica procedencia etymologica (*fatum*  *fado*, *fado*  *fatum*),
2. = igual a;
3. + mais, v + elho, port. + uiguez (...), etc” (p.VI)

Não há referência em Pereira (1916), a nenhuma das notações utilizadas em Silveira (1921), notadamente quanto às três que estamos analisando neste trabalho. Vejamos, então, como os dois autores analisam etimologicamente duas palavras: *vinte* e *sete*.

#### Quadro 1 – Etimologia da palavra *vinte* em Pereira e em Silveira

Pereira (1916, p. 169)	Silveira (1983 [1921], p.115)
Vinte ( <i>sem nenhum símbolo</i> ) viginte arch. (vinte)	<b>vinte</b> < <b>vinti</b> (8) < * <b>vīgīntī</b> (cláss. vīgīntī). O <i>ī</i> breve, entre dois <i>ii</i> longos, um dos quais final, poderia alongar-se, o que justifica a forma hipotética intermediária. Obs.: Em português antigo encontra-se <i>vinta-três</i> , <i>vintaquatro</i> : vid. Epifânio Dias, <i>Obras de Cristóvão Falcão</i> , 107. Parece que nessas formas se verifica o mesmo processo que originou <i>dezasseis</i> , <i>dezassete</i> , etc., com <i>a</i> . Nota de rodapé (8): Lindsay, <i>The latin language</i> , 165.

Nos casos acima, note-se em Silveira a presença da forma reconstruída não documentada \* **vīgīntī**, bem como o uso da notação < (**provém de**). Importante também notar a presença de citações bibliográficas por parte do autor, incluín-

<sup>3</sup> Pereira publicou a *Gramática Expositiva* – curso superior (1907), a *Gramática Expositiva* – curso elementar (1908) e a *Gramática Histórica* (1916). Das três obras, a primeira teve 96 edições; a segunda 153 edições e a terceira 10 edições.

<sup>4</sup> Carlos Eduardo Pereira apresenta, nesta obra de 1916, alguns conceitos caros aos estudos naturalistas sobre a linguagem, muito frequentes no século XIX. Na página 183, por exemplo, ao falar do léxico, apresenta visão da língua como um sistema orgânico. Vejamos: “O lexico de todas as línguas vivas é essencialmente movel: palavras surgem e palavras desaparecem, perdem significações antigas e adquirem novas. Filha do homem, a palavra reflecte-lhe o destino: como ele, nasce, vive, transforma-se, adoece, morre e até ressuscita.

do, neste caso, uma referência a Epifânio Dias, um dos filólogos portugueses que influenciaram na formação linguística de Sousa da Silveira. Uma análise específica destas influências será feita na próxima seção do presente trabalho.

Vejamos outro caso em contraste:

Quadro 2 – Etimologia da palavra *sete* em *Pereira* e em *Silveira*

Pereira (1916, p. 168)			Silveira (1983 [1921], p.114)
PORT. sete	LAT. POP. septe	LAT. CLASS. sēptem	<b>sete &lt; *sette (1) &lt; septe(m).</b>  Nota de rodapé (1): Cf. <i>settembris</i> em inscrições: v. Juret, <i>Phonétique Latine</i> , 1921, pág.220.
OBS.: Não há nenhuma notação etimológica entre as formas apresentadas.			

Pereira (1916), ao propor a forma intermediária *septe* no *latim popular* não assinala se se trata de forma reconstruída ou mesmo como chegou a ela. Como se sabe, o *latim popular* era, na verdade, o latim falado e, desta forma, na ausência de documentos escritos, para que se chegue a uma forma escrita hipotética, é necessário recorrer “sobretudo, [ao] estudo comparativo dos idiomas românicos, o qual nos leva a *indicações seguras* a respeito do latim falado, de que são êles [o latim familiar e o latim popular que são bases do latim falado] transformações diferenciadas no espaço e no tempo (...)”, Silveira (1983 [1921], p.29, grifos nossos). Nestes casos, a notação \* faz-se necessária para que o rigor quanto à documentação seja respeitado.

Há vários outros exemplos comparativos que apontam para as diferenças existentes no fazer etimológico de Pereira (1916) e Silveira (1921), mas nos limitaremos a estes dois por julgarmos que já são significativos quanto aos nossos objetivos neste quesito, qual seja, contrastar o trabalho de Silveira com outro manual etimológico contemporâneo a ele (há um lapso temporal de cinco anos entre os dois).

### 1.2. A notação etimológica contemporânea em Mário Eduardo Viaro (2014)

Em trabalho recente, tirando do abandono a que foram relegados os estudos etimológicos no Brasil após a segunda metade do século XX, Mário Eduardo Viaro publicou livro em que propõe “detalhar e discutir o método etimológico

propriamente dito em suas minúcias, com a apresentação de muitos exemplos<sup>5</sup>. Além do referido livro, Viaro desenvolve suas pesquisas etimológicas no *Núcleo de apoio à pesquisa em etimologia e história da língua portuguesa* (NEHiLP – USP)<sup>6</sup>, grupo que é por ele coordenado.

Ao examinar Viaro (2014, p. 13) e procurarmos a tabela de notação etimológica por ele utilizada, encontramos o seguinte:

- \*x (*significa que*) x é reconstruído.
- x > y (*significa que*) x se transforma em y
- x < y (*significa que*) x provém de y

A equivalência de notações entre Silveira (1921) e Viaro (2014), chama a atenção relativamente ao caráter precursor do primeiro. Até onde pudemos recuperar, não há autores nacionais contemporâneos a Silveira que adotaram representação semelhante, com exceção de Said Ali (1861-1953), seu professor durante o tempo de estudante no Ginásio Nacional, no Rio de Janeiro. A ele, Silveira (1983 [1921], p.7 dedica as *Lições*, nos seguintes termos: “Ao meu sábio mestre e amigo, o ex.mo. sr. SAID ALI, cuja perspicácia filológica, aplicada a estudos da língua portuguesa, tão prestimosa tem sido a todos os que nos interessamos pelo idioma pátrio, dedico este trabalho. SOUSA DA SILVEIRA.”

A partir destas constatações, passaremos, na próxima seção, a investigar pontualmente as influências teórico-procedimentais que levaram Silveira (1921) a realizar registros etimológicos com notações relativamente inéditas no Brasil.

## 2. Fontes de influência etimológica em Sousa da Silveira.

Nesta seção, procuraremos levantar as fontes que influenciaram ou mesmo subsidiaram a formação etimológica de Sousa da Silveira. Neste sentido, é importante lembrar o que nos diz Altman quanto à postura do historiógrafo da linguística no que diz respeito à investigação das fontes de influência de um determinado autor:

Colocar o processo de produção do conhecimento linguístico em perspectiva histórica significa buscar, na medida do possível, uma *documentação paralela ao texto publicado* que nos serve de fonte, que pode incluir desde a correspondência

<sup>5</sup> Cf. VIARO, 2014, quarta capa.

<sup>6</sup> Cf. <http://www.nehilp.org/>, acesso em 15/07/2016.

(incluindo eletrônica) entre dois autores até anotações de leitura, notas de aula, de conferências e assim por diante. (ALTMAN, 2012, p. 22, grifamos)

No caso de Sousa da Silveira, há um facilitador para se realizar o resgate de suas fontes ou nas palavras de Altman (2012) da “documentação paralela ao texto publicado”: o autor acrescenta fartas notas de rodapé ao seu texto. Neste sentido, tal procedimento do autor parece favorecer que evitemos um tipo específico de erro, ao qual Koerner (2014 [1998]) se referiu como “o problema da ‘influência’ na historiografia linguística”. Neste texto, Koerner analisa as equivocadas influências - apontadas em alguns estudos de historiografia da linguística - de Herder sobre Humboldt, de Darwin sobre Schleicher e de Durkheim sobre Saussure. Do ponto de vista metodológico e a respeito dos caminhos que seguimos no presente trabalho, é importante ressaltar tal ponto. Vejamos o que Koerner diz sobre o caso de Darwin x Schleicher:

Os historiógrafos da linguística falharam em duas coisas: em primeiro lugar, *não leram muitos dos escritos do próprio Schleicher*, se é que o fizeram, mas confiaram apenas e demasiadas vezes nos relatos de outros (p. ex. Whitney, 1871). Em segundo lugar, falharam em estabelecer as verdadeiras fontes de inspiração teórica de Schleicher, em particular a sua familiaridade com a botânica, com a teoria evolucionista pré-darwiniana, com o princípio do uniformitarismo na geologia, e assim por diante. Ambas as linhas de investigação teriam estabelecido uma variedade de factos e observações importantes, que só poderiam ter conduzido a uma revisão considerável da imagem distorcida de Schleicher nos anais da ciência linguística. (KOERNER, 2014 [1998], p. 97, grifamos)

Começamos, então, com as palavras do próprio Sousa da Silveira em depoimento a Senna ao falar do livro *Lições de filologia portuguesa*, de Leite de Vasconcelos e do fato de ter sido ele o responsável pelo seu ingresso no campo dos estudos de língua portuguesa, interrompendo uma carreira iniciada na área de engenharia civil.

A leitura das *Lições de Filologia*, do Doutor Leite de Vasconcelos [publicada em 1911], é que me veio mostrar que havia, realmente, uma ciência da linguagem que, podendo satisfazer às exigências do meu espírito, era menos seca do que a Matemática, por ter como objeto o mecanismo da produção da palavra e como importante campo de estudo os documentos da literatura, popular ou erudita, onde a alma humana, individual ou coletiva, se reflete ou está latente, ao alcance, porém, de uma observação penetrante. *Depois dessa leitura* resolvi dedicar-me ao estudo da língua portuguesa e tornar-me professor dela. (SENNA, 1968, p.148, grifamos)

Como mostraremos mais a frente, as constantes referências a esta obra, nas *Lições*, confirmam a importância que teve Leite de Vasconcelos para Sousa da Silveira. Outro filólogo português contemporâneo a Vasconcelos que é também bastante citado nas *Lições* é José Joaquim Nunes.

Maximiano de Carvalho e Silva, estudioso da obra de Silveira, descreve um cenário que muito nos ajudar na tarefa de mapear e compreender as influências a que Silveira esteve submetido. Vejamos:

Ao voltar ao Brasil em 1911 [por questões pessoais, Silveira morou três anos em Portugal], trouxe na bagagem exemplares do livro *Lições de filologia portuguesa*, de Leite de Vasconcelos, da edição crítica de *Os lusíadas*, de Epifânio Dias, e das *Bases para a unificação da ortografia*, preparadas pela comissão de que foi presidente Adolfo Coelho e redator Gonçalves Viana. (...) [Silveira] ao publicar entre os anos 1921 e 1923 as suas *Lições de português*, já tinha lido as obras principais dos grandes filólogos portugueses – Leite de Vasconcelos, Epifânio Dias, Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana entre outros – e as dos seus antigos professores no Ginásio Nacional (RJ) – Said Ali e Silva Ramos. Foi desde logo um constante leitor da *Revista Lusitana* com os seus excelentes artigos. (informação pessoal)<sup>7</sup>

## 2.1. Obras citadas por Silveira ao longo das *Lições*

Antes de realizarmos um estudo mais detido de algumas obras importantes para o fazer etimológico de Sousa da Silveira, notadamente a de Leite de Vasconcelos, faremos aqui uma apresentação exaustiva de todas as obras citadas pelo autor, em nota de rodapé, na seção de etimologia, o que equivale praticamente a metade das *Lições*<sup>8</sup>. As referências bibliográficas estão reproduzidas da mesma forma que foram registradas por Silveira e estão na ordem sequencial em que vão aparecendo no livro.

Quadro 3 – Obras citadas em rodapé por Silveira em seu *Lições*.

1	Antenor Nascentes, <i>Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa</i> , Rio de Janeiro, 1932.
2	Renato Mendonça, <i>A influência africana no Português do Brasil</i> .

<sup>7</sup> SILVA, M. de C. **Sobre Sousa da Silveira**. Mensagem recebida por maximiano@infolink.com.br, em 16 de julho de 2016.

<sup>8</sup> A seção de etimologia é a primeira parte do livro. É desenvolvida da página 17 a 136, ou seja, são 119 páginas das 290 totais da obra. As demais seções são dedicadas à sintaxe, estilística e dialetologia.

3	Rodolfo Dalgado, <i>Glossário Luso-Asiático</i> .
4	Jaques Raimundo, <i>O elemento afro-negro na língua portuguesa</i> , 1933.
5	Bourciez, <i>Éléments de Linguistique Romane</i> , Paris, 1910.
6	Leite de Vasconcelos, <i>Lições de Filologia Portuguesa</i> , Lisboa, 1911.
7	Lindsay, <i>The Latin Language</i> , 1894.
8	Max Niedermann, <i>Précis de Phonétique Historique du Latin</i> , 1906.
9	Oliveira Guimarães, <i>Fonética Portuguesa</i> , 1927.
10	Ferdinand de Saussure, <i>Cours de Linguistique Générale</i> , 2ª ed., 1922.
11	Roudet, <i>Eléments de Phonétique Générale</i> , 1910.
12	Gonçalves Viana, <i>Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa</i> .
13	Carnoy, <i>Le Latin d'Espagne d'après les Inscriptions</i> , 1906.
14	Joaquim José Nunes. <i>Crestomatia Arcaica</i> , 1906.
15	Michel Bréal. <i>Dictionnaire Etymologique Latin</i> , 1914.
16	Grandgent, <i>Introduction to Vulgar Latin</i> , 1907.
17	Grandgent, <i>Introducción al Latín Vulgar</i> , Madrid, 1928.
18	Serafim da Silva Neto, <i>Fontes do Latim Vulgar</i> (o Appendix Probi)
19	Joaquim José Nunes, <i>Gramática Histórica</i> , 1919.
20	Passy, <i>Changements Phonétiques</i> , 1890.
21	Brunot, <i>Histoire de la Langue Française</i> , I, 1913.
22	Fouché, <i>Études de Phonétique Générale</i> , 1927.
23	Ernout, <i>Eléments Dialectaux du Vocabulaire Latin</i> , 1928.
24	Meyer-Lübke. <i>Introdução ao Estudo da Glotologia Românica</i> , Lisboa, 1916.
25	Leite de Vasconcelos. <i>Textos Arcaicos</i> , 1922.
26	Walde, <i>Lat. Etym. Wörterbuch</i> .
27	Antoine. <i>Manuel d'Orthographe Latine</i> .
28	Leite de Vasconcelos. <i>Opúsculos</i> , vol. III e IV, Coimbra, 1931.
29	Carolina Michaëlis, <i>Glossário do Cancioneiro da Ajuda</i> .
30	Celso Ferreira da Cunha. <i>O cancioneiro de Joan Zorro</i> , Rio de Janeiro, 1949.
31	Amadeu Amaral. <i>O dialecto caipira</i> , São Paulo, 1920.
32	Augusto Magne. <i>Princípios Elementares de Literatura</i> , vol. I, 1935.
33	Grégoire, <i>Petit Traité de Linguistique</i> , 1923.
34	Epifânio Dias, <i>ed d'Os Lusíadas</i> , Pôrto, 1910.
35	Pidal. <i>Manual de Gramática Histórica del Español</i> , 1929.
36	Said Ali, <i>Lexiologia do Português Histórico</i> .
37	Juret, <i>Phonétique Latine</i> , 1921.
38	Zauner, <i>Romanische Sprachwissenschaft</i> , I, 1921.

39	Joaquim José Nunes, <i>Digressões Lexiológicas</i> , 1928.
40	Joseph Anglade, <i>Grammaire Élémentaire de l'Ancien Français</i> , 1918.

## 2.2. Análise das influências em Sousa da Silveira

Como mostramos, há uma grande quantidade de fontes utilizadas por Silveira (1921) para compor suas *Lições*. Dados os limites do presente trabalho e também da não disponibilidade de alguns materiais, tomamos uma decisão metodológica: analisar fundamentalmente as notações etimológicas de Leite de Vasconcelos que, nas palavras do próprio Silveira, foi quem mais o influenciou. Também optamos por utilizar, como *corpus* principal, as colunas de Vasconcelos sobre etimologia publicadas na *Revista Lusitana*, do número 1, publicado em 1888-1889, ao número 23, de 1920, um ano antes da primeira edição das *Lições*. Complementarmente, analisaremos também algumas colunas de outros autores presentes no *horizonte de retrospecto*<sup>9</sup> de Silveira.

Vasconcelos (1911, p. 302), em suas colunas na *Revista Lusitana*, basicamente apresentava as etimologias de palavras, por tópicos. Vejamos o que ele nos diz sobre o termo “cabaça”:

Comparando *cabaça* com o hesp. *calabaza*, esperaríamos *\*caabaça* em português arcaico, porém o que conheço é *cabaaza* nas *Inquisitiones*, p. 90 e 91. Se em português arcaico houvesse aquela forma, teríamos hoje na língua popular talvez ainda *\*càbaça* e não temos, que eu saiba. Todavia o onomástico do sec. XIII apresenta *Calabaza* e *Calabacinus*; mas como também apresenta *Cabaaza*, *Cabaazal*, e *Cabaazos*, concluo que em épocas antigas se disse *calabaça*, d’onde por metathese se fez *\*cabalaça*, que explica as formas *cabaaza* > *cabaça*. (VASCONCELOS, 1911, p. 302)

Aqui se pode ver o uso da notação \* como forma reconstruída, hipotética e também o uso de  $x > y$ , significado moderno<sup>10</sup> de “x se transforma em y”, tal como é utilizado por Viaro (2014). Aqui teríamos *cabaaza* se transforma em *cabaça*.

Em Silveira, temos a mesma estrutura notacional:

<sup>9</sup> Cf. Auroux, 2006; 2007.

<sup>10</sup> O termo “moderno” merece ser esclarecido. Gaston Paris (1892), em texto publicado na *Revista Romania*, já apontava que a forma correta e mais antiga de se dizer x “se transforma em” y é  $x > y$ . Esta notação não era consenso na época, havendo, inclusive, estudiosos com Hugo Schuchardt que faziam a mesma representação com a seta invertida, ou seja,  $x < y$ .

[sobre as consoantes simples] o -l- cai: *malu* > mau, *gelare* > gear, *palatiu* > paaço > paço, *soles* > soes > sóis. Obs.: Se, caindo a vogal seguinte, o *l* deixa de ser intervocálico, mantém-se: *male* > mal, *fidele* > fiel, *cubile* > covil, *sole* > sol, *padule* (por *palule*) > paul, *solitariu* > \*soltariu > solteiro. (SILVEIRA, 1983 [1921], p. 69)

Sobre a notação <, também vemos o uso moderno em Vasconcelos:

(...) *idade* < \**idade* < *aevitate*- (não *aetate*-); a forma com *ei*- está representada no gallego *idade* (e *eidá*), e o leonês *eidat*; (...) *igual* relaciona-se com o verbo antigo *iguar* < \**eiguar* < \**aeguar* < *adaequare*; e nas mesmas circunstâncias estão as outras palavras da mesma família, como *igualdade*, *igualdança*, *igualha*.” (VASCONCELOS, 1910, p. 434)

Ou seja, aqui temos  $x < y$  com significado de “*x* provém de *y*”. Assim, *idade* provém de *aevitate*- e *igual* provém de *adaequare*, considerando que em ambos os casos há formas reconstruídas, não documentadas marcadas com \*.

Em Silveira (1983 [1921], p. 135), há a mesma notação: “**amanhã** < **a** + **manhã** < **ad** + \***maniana**.”. Ou ainda, Silveira (1983 [1921], p. 124) **a** < **la** < \***ela** < lat. **illa**.

Por outro lado, Dias, ao dar a etimologia da palavra “*astea*”, não faz uso das notações < e >, mas usa o \* para formas hipotéticas. Vejamos.

ASTEIA (ou HASTEIA) é um alongamento de ASTE ou ASTA, como RESTEA (fôrma popular) de RESTE = *restis*, LENDEA (*lens*) ALFACEA (f.p.) de ALFACE (pal. arabe), LOGEA (f. antiga) de LOJA (pal. germanica) ou LOGE (f.p.); cf. também LAGEA a par de LAGE, pop. VÉSTIA (*vestis*) a par de VESTE.

ASTE resulta de ASTA por enfraquecimento da vogal final, se é que ao lado de *hasta* não existia já no latim popular a forma \**hastis*, sugerida pela palavra *hastile*. (DIAS, 1888-1889, p. 260)

Said Ali (1965 [1931], p. 26-27) pouco utiliza as notações em análise, mas, ao utilizá-las, mostra conhecer seus valores, tal qual os autores acima analisados. Vejamos: “*amargo* < \**amarego* (de *amaricu*-)” ou ainda sem um dos <, substituído pela preposição de, “*trevo de* \**trefolo* < trifoliu-”.

## Considerações finais

Além da questão notacional, o pequeno estudo que aqui realizamos nos mostrou, na verdade, que as *Lições de Português*, bem como seu autor, são fonte bastante rica quando se tem como objetivo conhecer o cenário linguístico-filológico brasileiro no início do século XX. Para que tal objetivo seja plenamente realizado, seguramente Silveira e sua obra merecem receber outros estudos que ampliem e melhor caracterizem suas influências.

A grande quantidade de autores estrangeiros utilizados por Sousa da Silveira, muitos dos quais eminentes filólogos como Meyer-Lübke, Joaquim José Nunes ou Leite de Vasconcelos, apontam para a necessidade de se compreender melhor como se deu a *recepção* de vários autores estrangeiros na filologia brasileira.

## Referências bibliográficas

- ALTMAN, Cristina. Histórias, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as letras*, São Paulo, v. 14, n.1, p. 14-37, 2012.
- AUROUX, S. *Les modes d'historicisation*. In: Histoire, Epistemologie, Langage. Histoire des Idées Linguistiques et Horizons de Rétrospection. Tome XXVIII, Fascicule 1, 2006. pp. 105-116.
- \_\_\_\_\_. *La question de l'origine des langues, suivi de l'historicité des sciences*. Paris: PUF, 2007.
- DIAS, Epiphanyo. Nota sobre a etymologia de gemo e astea. *Revista Lusitana*, Lisboa. v. 1, p. 260, 1888-1889.
- KOERNER, E. F. K. O problema da “influência” na historiografia linguística. In: \_\_\_\_\_. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, Coleção Linguística 11, 2014.
- PARIS, Gaston. Chronique. *Romania*, Paris, v. 21, p.471-472, 1892.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. São Paulo: Weiszflog Irmãos & Co., 1916.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

- SENNA, Homero. *República das letras*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1968.
- SILVA, Maximiano de Carvalho. Sousa da Silveira e as suas *Lições de Português*. In. SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. 9.ed. Rio De Janeiro: Presença, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Sousa da Silveira: o homem e a obra – sua contribuição à crítica textual brasileira*. Rio De Janeiro: Presença, 1984.
- SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. Rio De Janeiro: Litho-Tipographia Fluminense, 1921.
- \_\_\_\_\_. *Lições de português*. 9.ed. Rio De Janeiro: Presença, 1983 [1.ed.1921].
- SWIGGERS, Pierre. “Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística”. *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003, p. 113-146, 2004.
- VASCONCELOS, Leite de. Etymologias. *Revista Lusitana*, Lisboa. v. 13, p. 434, 1910.
- \_\_\_\_\_. Etymologias. *Revista Lusitana*, Lisboa. v. 14, p. 302, 1911.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

Recebido em 30 de setembro de 2016.

Aceito em 21 de dezembro de 2016.